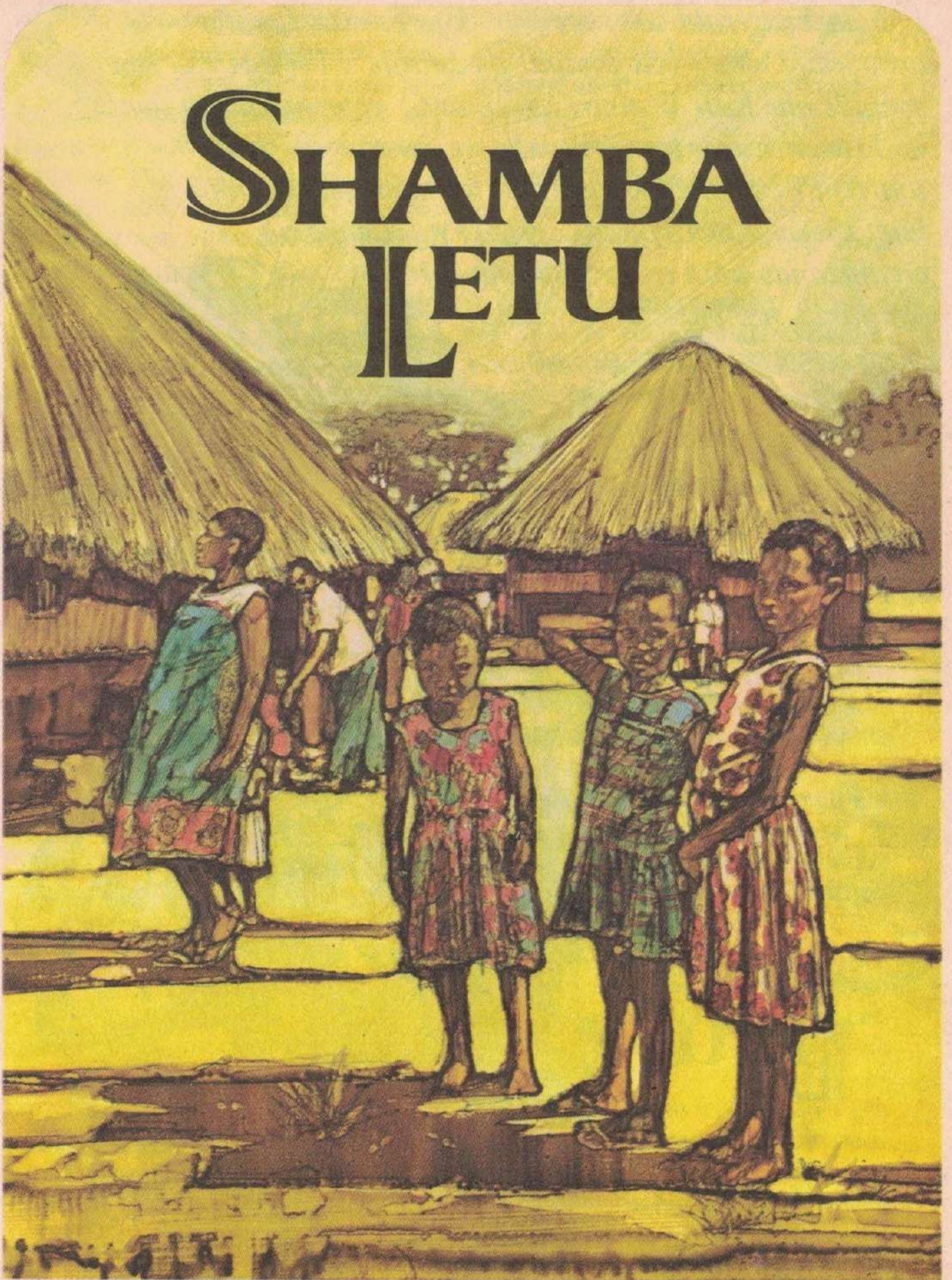


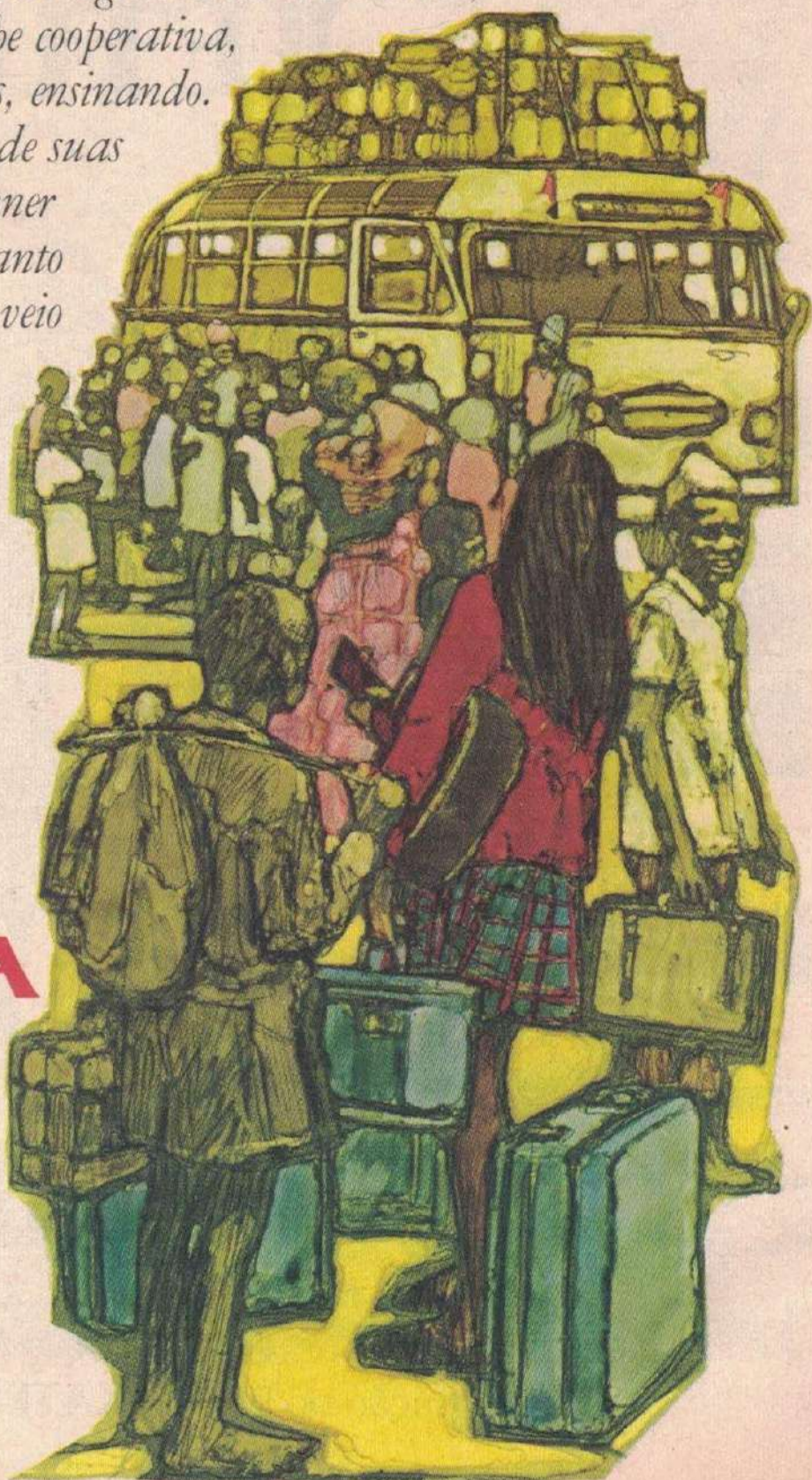
SHAMBA IETU



Condensação do livro de **KATE WENNER**

F. Scott Fitzgerald certa vez definiu os Estados Unidos como sendo uma "boa vontade do coração". Foi com essa boa vontade que Kate Wenner, aos 18 anos, empreendeu sua aventura no Leste africano. Interrompendo seu curso universitário, trabalhou durante um ano como voluntária numa remota comunidade agrícola na Tanzânia, organizando uma creche cooperativa, ajudando nas colheitas, ensinando. Neste comovente relato de suas experiências, Kate Wenner conta como aprendeu tanto quanto ensinou e como veio a amar seus amigos e vizinhos em Litowa.

SHAMBA LEU



SENTI-ME desagradavelmente sòzinha enquanto esperava para embarcar na jardineira enorme, com seu bagageiro já atulhado de cachos de bananas, engradados de repólho e trouxas amarradas com coloridos panos *kitenge*. A estação do ônibus era na movimentada cidade portuária de Dar es Salaam, capital da Tanzânia, e a mudança repentina em minha vida tinha sido estonteante. Há apenas 72 horas eu estava na serena Cambridge, no Estado de Massachusetts, onde acabara de cursar meu segundo ano no Colégio Radcliffe. Um programa mantido pela Universidade de Harvard chamado Professores Voluntários para a África me levava à Tanzânia, onde eu devia passar um ano numa remota aldeia agrícola, a 480 quilômetros da capital. Malas e caixotes de equipamento essencial—um fogão de querosene, repelente para mosquitos e mosquiteiro, manteiga em lata, sal-gema e purificador de água—me cercavam como uma fortaleza, atraindo olhares curiosos de outros viajantes. No Leste africano os *wazungu* (gente de cara branca) não andam de ônibus.

Eu comprara a passagem mais barata, o que significava um lugar no fundo do veículo. Isso não pareceu correto ao indiano pequeno e bem vestido—ali eles são chamados de asiáticos—que estava dirigindo o carregamento. Ele recebeu minha passagem, franziu a testa e consultou seus apontamentos.

—Siga-me, *memsahib*—disse êle.

Dentro do ônibus êle parou num banco grande do lado oposto ao motorista.

—Sente-se aqui—disse-me êle, devolvendo a minha passagem.

—Mas a passagem é para...

—A senhora sente-se aqui!—disse com firmeza.

Nosso destino, Songea, ficava a três dias de viagem e ainda não escurecera quando chegamos a Iringa, nosso primeiro pernoite. Na Hospedaria do Cavalo Branco, luxuosa e obviamente cara, aproximei-me hesitante do recepcionista africano. Eu tinha perfeita consciência de como estava suja da viagem.

—Às suas ordens, *memsahib*.

Suas maneiras eram de uma cortesia requintada.

—Estou procurando um hotel barato. O senhor compreende, sou uma voluntária e, bom... não tenho muito dinheiro.

—Corpos da Paz!—reconheceu êle.

—Oh, não.—Disse eu depressa.

—Estou com um grupo semelhante ao do Corpos da Paz, mas não do govêrno. Somos estudantes.

—Entendo—disse êle, mas na verdade não entendia.—Vou telefonar para a Pensão Kilimanjaro. O pessoal do Corpos da Paz fica lá às vêzes.

Pegou o telefone e começou a gritar num rápido swahili, do qual pude compreender apenas as palavras Corpos da Paz repetidas várias vêzes.

—Sim—êle se voltou para mim.

—Têm um quarto para a senhora.

Custa sete xelins por noite.

E, sem ligar para as minhas objeções, enviou um mensageiro para me mostrar o caminho.

De manhã eu soube por que o ônibus tinha parado para passar a noite. A estrada pavimentada que saía de Iringa logo se transformava numa estrada de terra e a gente só podia se agarrar e tentar evitar dar pulos, quando o veículo dava trancos nos inúmeros buracos. Subimos devagar para a serra e ao meio-dia o ar se tornara frio e úmido. Pinheiros dominavam a estrada. Era como o norte da Califórnia no outono.

—A terra de onde eu venho parece com essa—gritei para o motorista, do outro lado.

Durante um dia e meio não nos tínhamos falado, mas agora começávamos a conversar. Ele contou-me que tinha 23 anos, que se chamava Juma e que vinha de uma aldeia perto de Morogoro. Eu lhe disse que tinha 18 anos, que me chamava Kate e que vinha dos Estados Unidos.

—Por que veio para a Tanzânia?—indagou.

—Vim ajudar a construir a nação.

—*Kujenga nchi*, dizemos em swahili.

—Sim, *kujenga nchi*.

—*Karibu, dada*.

—Que quer dizer?

—Significa “bem-vinda, irmã”.

Você é *muito* bem-vinda aqui.

Aprendiz de Inspetor de Saúde

TRÊS DIAS depois eu estava instalada em Litowa, uma aldeia

cooperativa a 50 quilômetros de Songea, e a postos, pronta para ajudar a “construir a nação”. *Shamba letu la Litowa* (nossa fazenda em Litowa como é chamada em swahili) era um aglomerado de casas retangulares de barro, cobertas de capim cuidadosamente aparado, construída no alto de um chapadão que separava dois vales de rios. Rodeando a aldeia, como um grande fôssco, havia campos de milho perfeitamente cultivados. Além deles, do outro lado do rio, estavam os campos de fumo, de terra vermelha. A plantação de fumo era a única fonte de renda de Litowa; as outras culturas—milho, frutas e legumes plantados nas hortas de Litowa—alimentavam as 25 famílias da aldeia.

Eu me havia instalado na casa de chão de terra batida que me fôra designada, comido meu primeiro jantar comunitário de *ugali* (angu) e feijão e comparecido a uma reunião *ujamaa* à noite no prédio grande no centro da aldeia, durante a qual os projetos da comunidade eram planejados e discutidos (parecia muito com as reuniões comunitárias na Nova Inglaterra). Descobri também que as crianças da escola não gostavam de meu nome. Passei a ser *Keti* para elas—*dada Keti*. Eu estava passando a tarde em casa estudando swahili quando houve uma interrupção súbita.

—*Hodi!*—Alguém estava à porta.

—*Karibu!* (Bem-vindo)—respon-di.

Duas pessoas estavam do lado de fora esperando.

—Sou a Srta. Chips—anunciou uma mulhar em inglês—e êste é o Sr. Taroka. Somos os professôres da escola.

Convidei-os para entrar e sentamos juntos em tapêtes no chão. A Srta. Chips—parecia um nome estranho para uma africana—era uma mulher grande, muito bem arrumada, de vestido de algodão amarelo. Taroka era pequeno e não muito mais velho que eu. Suas calças cinzentas bem passadas, suéter e tênis brancos faziam-no parecer um professor de Educação Física. Usava até um apito numa corrente em volta do pescoço.

—Viemos conversar sôbre o problema sanitário da escola—disse Taroka.

Explicou que com 150 crianças residindo na escola—12 outras aldeias experimentais enviavam as crianças para ali—as doenças se espalhavam depressa nos dormitórios. Êle e a Srta. Chips desejavam que eu ajudasse a instituir uma enfermaria para a escola, na casa vazia junto à minha. Um grupo de crianças poderia reformar a casa, nós poderíamos arranjar cobertores e toalhas na cidade; e para descobrir o que teríamos de enfrentar, faríamos uma inspeção de saúde em regra no dia seguinte, a primeira das inspeções regulares matinais dos sábados.

E assim, na manhã seguinte, nos deparamos com uma fila de 150 crianças sorridentes que tinham estado se esfregando cuidadosamente desde o café da manhã. Tínhamos de

fazer uma revista para verificar a limpeza, piolhos, bichos-de-pé e sarna. Como eu não sabia reconhecer os dois últimos, seguia atrás da Srta. Chips. A limpeza foi fácil: examinamos as mãos, os antebraços, atrás das orelhas, debaixo das unhas. Os que não eram aprovados eram mandados de volta para a bica da escola. Bichos-de-pé já eram coisa diferente. Era preciso um perito para ver se ainda estavam ali, ou havia apenas a ferida deixada depois de os bichos-de-pé terem sido retirados.

Mas logo se viu que a sarna era o pior problema. Estava em tôda parte. A sarna é uma doença de pele muito contagiosa, que coça terrivelmente, e é quase impossível não coçar. Em consequência, as orelhas estavam ficando deformadas pela infecção e muitos braços e pernas estavam cobertos de feridas abertas e supuradas.

Quando terminamos nossa inspeção descobrimos que tínhamos 40 crianças sujas, 20 casos de piolhos, 15 crianças com bichos-de-pé e 75 casos de sarna. Ôbviamente, a sarna teria prioridade.

—Sabe dirigir?—perguntou Taroka.

—Claro—disse eu.—Por quê?

—Temos de levar alguns dos casos mais graves para o hospital em Peramiho.

Combinamos fazer a viagem de tarde. Enquanto isso, eu sugeri desinfetar as roupas e cobertores das crianças e reunimos o comitê escolar para explicar o projeto. Êles

nos deram desinfetantes e organizaram as crianças em grupos de trabalho. Logo grandes tinas de água eram aquecidas em fogueiras ao ar livre e havíamos estabelecido nossa linha de produção: uma tina para esfregar, uma para enxaguar, equipes de lavadores, enxaguadores, torcedores e carregadores. Os garotos trabalhavam em ritmo e mantinham o entusiasmo cantando o cântico da canção política nacional: "Oh-oo TANU ya jenga nchi!" Foi um grande dia.

Depois do almoço pedi emprestada a única camioneta da aldeia e fui até a casa para vestir roupas limpas. Taroka e eu embarcamos sete dos casos mais graves de sarna e em meia hora descíamos a serra em direção a Peramiho, um posto missionário dirigido por padres católicos alemães. Quando saltamos no hospital da missão percebi imediatamente que eu era objeto de curiosidade. Convalescentes em uniformes azuis do hospital olhavam-me atentamente—um rosto branco novo. Notando que isso me embaraçava, Taroka veio para perto de mim, para mostrar claramente que tínhamos vindo juntos de Litowa.

Entre as enfermeiras africanas do ambulatório havia uma freira altona, européia. Ela passava entre os doentes que esperavam falando depressa em swahili. Afinal, dirigiu-se a nós.

—Boa tarde—disse ela, estendendo uma mão forte.—Sou a Irmã Margareta.

Parecia satisfeita que Taroka e eu tivéssemos vindo de Litowa, mas achei que me olhava com pena. Começou o exame de nossas crianças. Tomou as temperaturas, examinou os ventres e os olhos, deu injeções de penicilina e foram feitos testes de sangue. Então a Irmã Margareta se sentou a nosso lado para explicar os resultados.

Além da sarna, disse ela, todas as crianças tinham anemia e opilação. Podiam voltar para Litowa, mas teriam de vir regularmente tomar injeções. Quando contamos sobre as outras crianças de Litowa ela nos deu um suprimento de medicamentos contendo ferro para a anemia, pílulas de vitaminas e pomada para a sarna. Mas sacudiu a cabeça desconsoladamente diversas vezes. Não havia tempo agora, falou ela, mas em nossa próxima visita ao hospital ela nos daria uma aula sobre doenças tropicais.

—Há muito a aprender—disse-me ela, severamente.—Você tem de trabalhar muito.

Um Violão em Litowa

MEU PRIMEIRO projeto individual foi uma creche para cuidar das crianças menores enquanto os pais trabalhavam nos campos. Nas aldeias africanas tradicionais essa tarefa geralmente cabia às avós. Mas Litowa era uma comunidade nova em fôlha, povoada principalmente por casais jovens inclinados a começar do princípio, e havia poucas avós ali.

Os planos da creche já tinham sido feitos antes de minha chegada e eu pensei que iria tomar parte num programa já iniciado. Mas quando apareci lá para meu primeiro dia de trabalho o local estava deserto, com a exceção de uma velha batendo feijão no quintal.

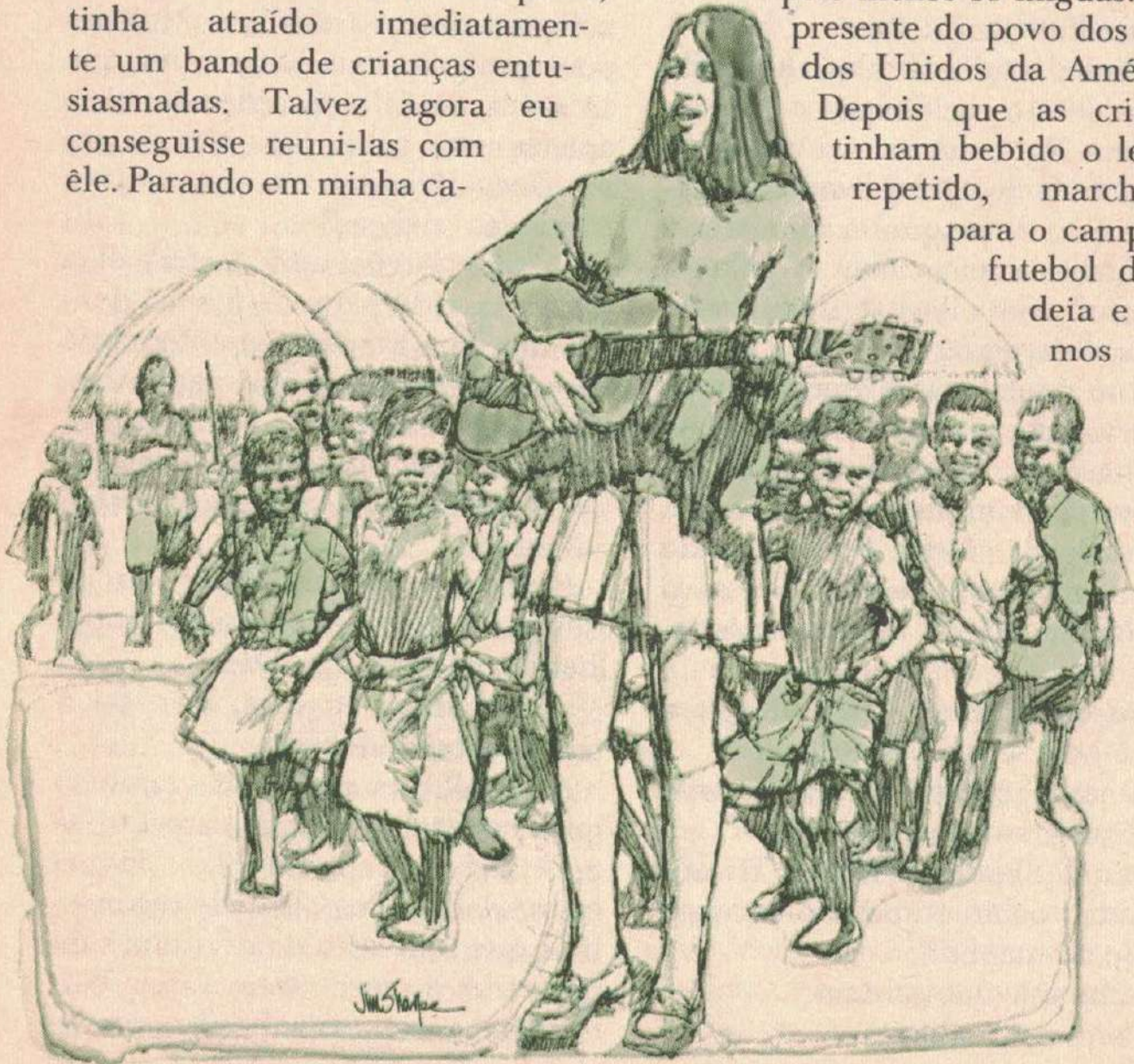
—Onde estão as crianças?—perguntei-lhe.

—Estão lá fora brincando—respondeu ela vagamente.

No meu primeiro dia na aldeia, quando desempacotei o violão e comecei a dedilhá-lo à minha porta, tinha atraído imediatamente um bando de crianças entusiasmadas. Talvez agora eu conseguisse reuni-las com êle. Parando em minha ca-

sa para apanhar o violão, atravessei a vila tocando-o. A magia perdurava. Em pouco tempo eu estava conduzindo um grupo de crianças errantes da aldeia—num total de 43—pelo portão da creche. Quando a velha que tinha estado batendo feijão nos viu chegando, entrou na casa e reapareceu com uma panela de leite e uma bandeja com canecas de metal. Lá dentro descobri de onde vinha o alimento. Havia uma caixa de leite em pó desnatado, largada ali, onde estava escrito, em pelo menos 15 línguas: “Um presente do povo dos Estados Unidos da América.”

Depois que as crianças tinham bebido o leite e repetido, marchamos para o campo de futebol da aldeia e tivemos uma



sessão de contar histórias. Voltamos então à creche para o almoço. Depois de uma sesta para todos demos um jeito de passar a tarde. Mas, se havia algum programa planejado para a creche, não pude encontrar muitas provas disso. Fui conversar sobre isso com o presidente da aldeia, o Sr. Ngomaty. Ele era um m^oço forte de 20 e poucos anos.

—Deve procurar a presidente das mulheres—disse Ngomaty.

—Quem é?—indaguei surpreendida.

Ninguém havia-me dito que havia uma mulher presidente.

—Minha mulher—falou ele.—Ela está lá dentro cozinhando.

Mama Ngomaty estava mexendo uma panela de *ugali* e ouviu atentamente quando perguntei sobre a creche. Quando mencionei a palavra “horário” seus olhos se iluminaram e ela me entregou uma fôlha de papel com duas listas. Uma, explicou ela, era para revezar o trabalho de cozinhar para a creche. A outra designava duas mulheres por semana para dirigir a creche. Parecia muito bom... mas obviamente não estava funcionando. Só a cozinheira estava lá.

—De quem é a vez de dirigir a creche esta semana?—arrisquei.

Mama Ngomaty correu o dedo pela lista abaixo.

—Mama Shombe e Mama Tiwete.

—Então como é que não estavam lá hoje de manhã?

—Acho que não sabiam.

—Como vão saber?

—Nós lhes diremos—falou Mama Ngomaty.

Na manhã seguinte, sem dúvida alguma, as mulheres estavam lá e juntas planejamos os dias seguintes. As crianças comeriam suas refeições na creche. Teriam aulas e dariam uma volta a pé de manhã, e depois se lavariam na bica antes do almoço. À tarde dormiriam a sesta antes de recomeçarem as brincadeiras.

Esse programa parecia bom e eu esperava que a creche em breve se arranjasse sozinha, deixando-me livre para outros trabalhos. Mas depois de alguns dias compreendi que as mães da vila consideravam-me apenas uma babá. Para elas eu era a “Dada (Irmã) Ketí que tomava conta das crianças”.

Um dia cheguei tarde ao trabalho, tendo passado parte da manhã dando uma boa limpeza na enfermaria da escola. Ao me dirigir para a creche mais ou menos às 11 horas passei por uma mulher no caminho.

—*Hodi!* Como estava seu *pumzika*?—indagou.

Pumzika é “descanso” em swahili. Respondi que tinha estado trabalhando, não descansando.

—Mas ficou em casa. Não foi à creche—respondeu ela.

As mulheres na creche também quiseram saber sarcásticamente se eu tinha descansado bem. Fiquei contrariada. Uma olhadela me mostrou que o horário diário tinha sido ignorado: a creche estava uma balbúrdia, as crianças soltas à vontade,

as três mulheres sentadas batendo feijão.

Em vez de gritar para as crianças se reunirem, decidi sentar-me à sombra e ver o que sucederia. Nada aconteceu. Ninguém organizou as crianças para as aulas, para o passeio ou para o banho. Depois de uma hora ou mais, o almoço foi servido e as crianças enviadas para casa.

Eu tinha visto o suficiente e fui para minha casa pensar na solução. Era óbvio que eu havia tomado o bonde errado. Procurei as palavras “iniciativa” e “responsabilidade” em swahili e no dia seguinte falei às mulheres, nervosamente, mas com determinação. Era uma situação muito delicada: se eu fôsse muito severa haveria ressentimentos, se fôsse muito tímida nada conseguiria; mas as mulheres, aparentemente satisfeitas com minha nova investida, aceitaram o desafio e concordaram em tentar dirigir a creche sòzinhas.

E aprenderam a fazê-lo, o que foi uma dádiva do céu, pois essa creche era uma das mais adiantadas instituições da comunidade. Nas aldeias africanas do estilo antigo as crianças recebiam tradicionalmente o que havia de pior em matéria de comida. Quando havia falta de suprimentos elas passavam sem comer. Mas Litowa decidira inverter essa tradição e as crianças eram bem alimentadas, mesmo quando não havia bastante para todos. Como resultado, em vez de terem olhos apáticos, pernas magricelas e serem de-

sanimadas como muitas crianças dos povoados vizinhos, as de Litowa eram mais altas, irradiavam saúde e zuniam como locomotivas. Era difícil acreditar que em aldeias a apenas um quilômetro e pouco de distância metade das crianças nunca chegasse à idade adulta; pois aqui a mortalidade infantil era quase zero.

Tiemo, filho de Ngomaty, que usava uma camisa vermelha e era um dos membros mais interessados e falantes de meu rebanho, resumiu bem isso: indo para a creche, chupando laranja, bebendo leite e estudando o alfabeto, disse êle ao pai com orgulho, estava também “construindo a nação”.

“Aldeias Ujamaa em Israel”

ALÉM DE MIM, OS ÚNICOS não africanos em Litowa eram um casal inglês, Ralph e Noreen Ibbott, e seus quatro filhos. Ralph era assessor técnico e angariava fundos para a aldeia, e Noreen era secretária dêle. Mas ela era também exímia costureira, enfermeira, professôra e mãe, e mantinha sua casa funcionando como um relógio. Os Ibbott—a camioneta era dêles—tinham sido meus mentores desde o princípio.

—Há cinco anos não havia nada aqui a não ser mato e leões—disse-me Ralph.—Então um grupo das aldeias próximas veio para aqui, limpou a terra e estabeleceu uma comunidade agrícola *ujamaa*, trabalhando e assumindo responsabilidades em conjunto.

Ralph ouvira falar nisso no segundo ano da experiência, quando estava em férias em Dar es Salaam. Tinha-se demitido prontamente de seu emprêgo na Rodésia do Sul e estava em Litowa desde então.

—Agora há 25 famílias aqui—continuou—e mais 12 aldeias agrícolas em volta de Litowa, tôdas administradas pelo mesmo princípio *ujamaa*.

Eu ouviria muitas vezes essa palavra "*ujamaa*". Ela dominava a vida em Litowa. O edifício *ujamaa*, onde havia reuniões para resolver os negócios da aldeia duas vezes por semana, era o maior em Litowa e ficava bem no centro da aldeia. As reuniões começavam sempre do mesmo modo. Todos traziam seus *ugali* e feijões para comer no edifício antes do trabalho começar, e então Ngomaty, o presidente da aldeia, se levantava.

—*Uhuru!*—gritava êle.

—*Uhuru!*—respondiam todos.

—*Uhuru na kazi!* (Liberdade e trabalho!)—gritava Ngomaty, mais alto.

—*Uhuru na kazi!*—vinha a resposta a plenos pulmões.

Geralmente, as reuniões *ujamaa* tratavam de assuntos de rotina: novas medidas para manter a aldeia limpa, decidir quando as mulheres deveriam cortar o capim para refazer os telhados antes das chuvas anuais, horários para lavrar a terra. (Pouco antes das chuvas a terra era lavrada as 24 horas do dia até que o trabalho terminasse, os homens trabalhando em turnos para utilizar o trator durante a noite.)

As reuniões terminavam com um hino. Quando acabava a reunião da noite, todos se levantavam, Ngomaty cantava a primeira nota e todo mundo o acompanhava. As palavras eram em swahili, mas a melodia era o familiar "Fica Comigo, Senhor".

Em uma reunião *ujamaa* especialmente importante, John Millinga, um dos fundadores de Litowa, falou. Êle acabava de voltar de uma viagem a Israel arranjada pelo embaixador dêsse país na Tanzânia. Havia muitas aldeias *ujamaa* em Israel, disse êle aos habitantes da aldeia. Muitas eram maiores e mais velhas que Litowa, algumas tinham 50 anos. Os israelenses as chamavam *kibutzim*. Mas a idéia era a mesma: pessoas trabalhando juntas em fazendas, vivendo juntas e dividindo tudo o que produziam num espírito de *ujamaa*.

Seus ouvintes animaram-se. Era novidade para êles que pessoas a milhares de quilômetros de distância estivessem vivendo em aldeias *ujamaa* como a dêles. Usavam tratores? Que cultivavam? Também tinham creches para as crianças? Quanto tempo duravam as chuvas?

—Êles têm vida muito mais dura do que nós—respondeu Millinga. —O país é muito pequeno, com inimigos em tôdas as fronteiras. A terra é pobre, a maior parte pedra e areia. O solo que existe é cheio de sal e há muito pouca água. Todos os campos têm de ser irrigados com água canalizada dos rios. Mas êles conseguiram vencer. Têm grandes

fazendas, maiores do que vocês podem imaginar. Têm até fábricas em algumas aldeias. Mas não tinham nada para começar, exatamente como nós.

—E olhem para nós!—continuou Millinga.—Temos bastante terra. Temos o melhor solo. Temos tudo de que precisamos. Imaginem só o que podemos fazer!

O Direito das Mulheres

LITOWA possuía duas máquinas de costura doadas da Europa e, como as roupas prontas de lojas da cidade distante custavam caro, as mulheres tinham muita vontade de aprender a coser. Eu mal sabia fazer um remendo ou pregar um botão, mas, depois de um rápido curso intensivo com Noreen Ibbott, virei professora. Arranjamos uma sala pequena e clara num canto do prédio *ujamaa* e as lições de costura começaram.

Tôdas as semanas três mulheres eram dispensadas do trabalho nos campos à tarde para freqüentar as aulas, e do meio-dia até ao anoitecer ficávamos ocupadas cosendo. Então as outras mulheres vinham dos campos para ficarem ali sentadas, tagarelando; foi nessa atmosfera de clube que eu comecei realmente a saber o que acontecia na aldeia.

—Você notou que Mama X não esteve no *ujamaa* ontem à noite?

—E daí?

—E daí! Estava em casa com aquele homem do outro lado do vale.

—Nãaaaao!

—Estava! E o marido dela me disse que estava cansado e queria deixar o *ujamaa* mais cedo.

—Nãaaaao!

—Foi. E eu lhe disse que era melhor ficar porque havia negócios importantes a serem discutidos. Porque você sabe o que êle teria encontrado se *tivesse* ido para casa cedo!

Os homens também eram atraídos pela sala de costura. Êles se encostavam na parede do lado de fora e conversavam conosco pelas janelas. Os solteiros vinham deixar suas roupas para consertar numa caixa colocada do lado de fora e uma vez Robo quis usar uma das máquinas para consertar suas roupas. Mas Mama Pilipili, mulher do caçador da aldeia, foi inflexível: máquinas de costura só para mulheres.

Por tradição as mulheres africanas não deviam ser francas nem empreendedoras. E mais, tinham de fazer as duas tarefas: trabalho nos campos e serviços caseiros; e ainda tinham de cuidar das crianças enquanto os homens estivessem fora bebendo. Os homens tomavam as decisões. Era a aldeia dos homens, o *ujamaa* dos homens, e as mulheres não eram levadas a sério. A única maneira de lutar contra isso era as mulheres se unirem e formarem um grupo unido. Mas precisávamos de algo por que lutar.

Isto finalmente surgiu na sala de costura. As mulheres de Litowa tinham perto de 400 xelins que haviam ganho em vários anos, fazendo

e vendendo *pombe*, cerveja de milho. Um dia discutimos como deveríamos empregar o dinheiro.

—Vamos comprar fazenda para roupas de baixo!—disse alguém, e as outras concordaram.

Fiz um cálculo rápido: um metro para cada uma das 25 mulheres. Três xelins o metro mais linha e elástico.

Podíamos fazer tudo por uns 80 xelins.

—Não adianta—disse uma das mulheres melancolicamente.—Os homens não permitirão isso.

—Que história é essa de os homens não permitirem?—indaguei.—O dinheiro é de vocês, não deles.

—Bem, da última vez que tentamos gastar um pouco do nosso dinheiro da *pombe* eles não deixaram. Disseram que tínhamos de gastá-lo em algo mais importante.

Fiquei encantada. Essa era a ocasião que eu estava esperando. As mulheres tinham de entender que elas tinham tanto direito quanto os homens de tomarem decisões. Sugeri que procurássemos saber o que achavam as outras mulheres.

Na noite seguinte Mtoterá, o administrador da aldeia, durante uma hora fez um sermão censurando as mulheres por não trabalharem bastante. Depois nos reunimos na sala de costura e Mama Pilipili abriu a sessão.

—Mtoterá só grita conosco porque não pode gritar com os homens—disse ela.—Devíamos tomar decisões por nós mesmas. Se decidimos usar

nosso dinheiro da *pombe* para comprar fazenda, então vamos usá-lo!

—Mas os homens vão rir de nós.

—E daí? Não diremos nada a eles até terminarmos. Não se preocupe que eles vão ver a roupa de baixo.

As mulheres deram gargalhadas. E a desabrida e irreverente Mama Pilipili—“pilipili” significa “pimenta” em swahili—levou a palma. Foi sem dúvida o primeiro movimento sufragista iniciado por calcinhas.

Eu sabia que me estava arriscando em fomentar êsse atrevimento crescente, pois eu já era um espinho na garganta de Mtoterá. Nunca deixei de reclamar quando êle perturbava o trabalho da creche ordenando que uma das mulheres encarregadas fôsse trabalhar no campo. Eu vivia a amofiná-lo por causa da cêrca da creche, que precisava de consêrto. Êle tinha sempre alguma desculpa para não mandar fazer o consêrto, mas a verdadeira razão é que considerava a creche coisa de mulher e, portanto, sem importância.

A explosão foi num dia em que houve uma reunião *ujamaa* à tarde. Pedi permissão para as mulheres se reunirem imediatamente depois e Mtoterá concordou com relutância. Mas quando a reunião *ujamaa* terminou êle disse alto que não via por que as mulheres deveriam ser dispensadas do trabalho para uma reunião. Afinal, não estavam trabalhando tanto quanto deveriam. Ngomaty, o presidente da aldeia, o apoiou e decretou que todos fôssem trabalhar imediatamente.

Fiquei espantada com a mudança de opinião de Mtotera.

—Hoje de manhã o senhor disse que poderíamos fazer nossa reunião — lembrei-lhe quando deixamos a assembléia. — Por que mudou de idéia?

Recusando-se a responder, começou a andar depressa pela aldeia para se livrar de mim. Eu o acompanhei.

—Por que mudou de opinião?— insisti.

—As mulheres não trabalham o suficiente.

—E o que tem isso a ver com a reunião?

—Estou farto de ouvi-la—disse Mtotera.— Vou trabalhar.

Estava furioso agora. E eu também; nossas palavras se tornaram mais e mais inflamadas. Finalmente êle se afastou enquanto eu embaraçava pela minha casa, batia a porta e me desfazia em lágrimas. Então ouvi vozes do lado de fora.

—*Pole, Dada Keti* (Desculpe-nos, Irmã Kate).

Eram as mulheres que tinham vindo para me dar apoio. Não podia haver dúvidas quanto à sua união agora, ou o seu ponto de vista. Tôda a aldeia estava vendo.

Na manhã seguinte levei algumas crianças doentes ao hospital de Peramiho e era quase meio-dia quando cheguei à creche. Só quando estava para abrir o portão é que compreendi que havia algo de diferente. A cêrca da creche havia sido consertada! Depois de meses de delonga o trabalho fôra finalmente feito.

Nas semanas que se seguiram, Mtotera e eu fizemos as pazes e as mulheres exibiram as 25 calcinhas vermelhas—cada uma bordada vitoriosamente com o nome da dona. E nunca ouvimos uma palavra de crítica.

Dias Atarefados

EM ALGUNS meses eu falava em swahili. Comecei até a usar a língua local, kingoni, que as mulheres e crianças preferiam. Abandonei as expressões em swahili *Jambo* e *Habari* (“Alô” e “Como vai você?”), que devem soar como inglês de Oxford para os texanos, e agora cumprimentava as pessoas com *Yehu* e *Tuoni* em kingoni.

Eu tinha aprendido que era indelicado gritar uma saudação quando se passava com pressa por alguém. Era melhor parar um pouco e até se curvar ligeiramente dobrando os joelhos. Aprendi também a nunca entrar num assunto diretamente. Primeiro eu tinha de fazer uma saudação longa e formal, depois começar um assunto que não tinha nada a ver com meu motivo verdadeiro... e só então poderia tratar do que me interessava. E se a pessoa estivesse sentada eu tinha de parar e me sentar com ela, nunca falar de onde eu estivesse.

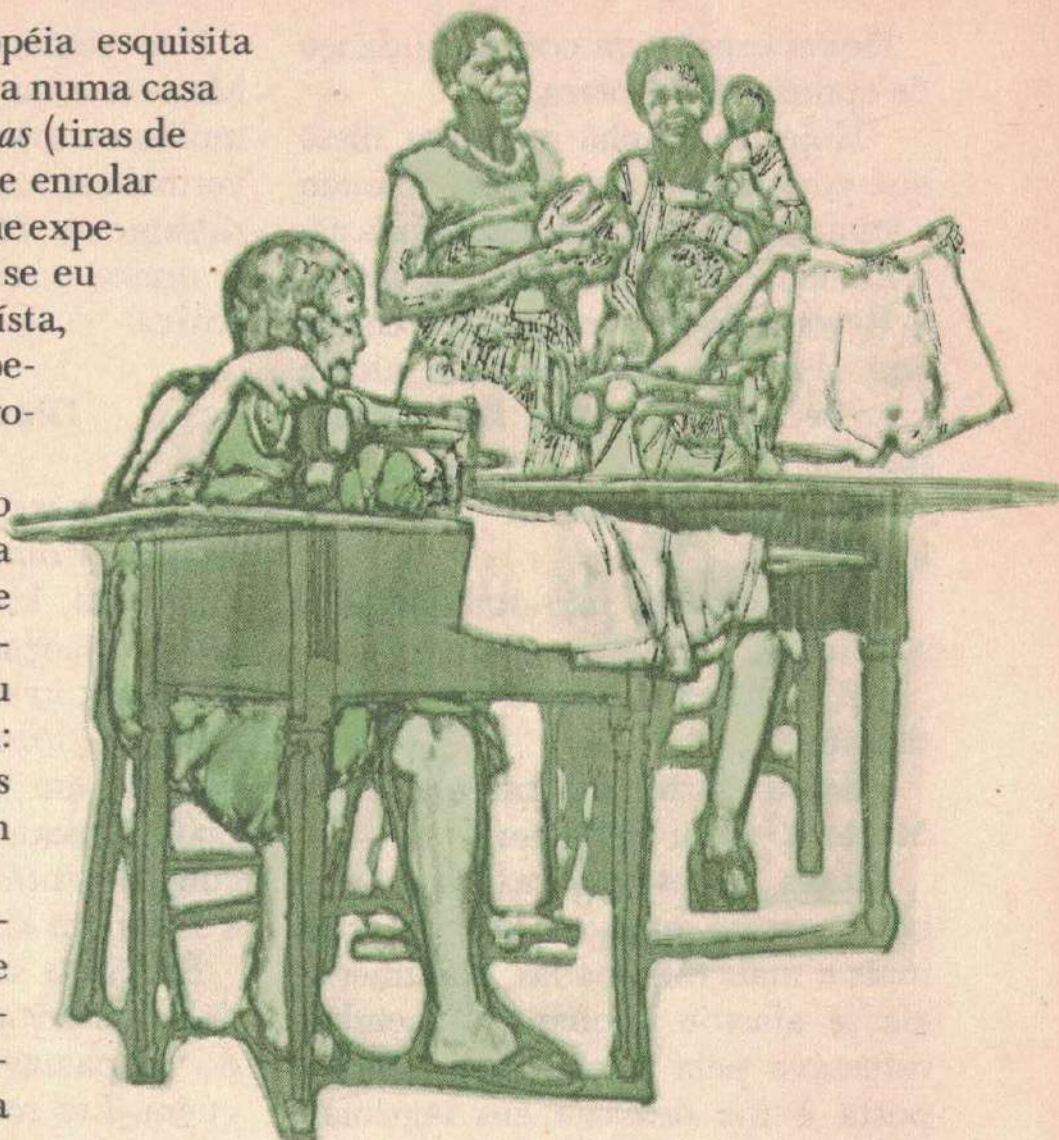
Aprendi algumas respostas-padrão para quando pessoas de outras vilas passavam em minha casa e insistiam que eu fizesse chá para elas ou lhes desse roupas ou dinheiro. Afinal,

que espécie de européia esquisita era aquela que morava numa casa de barro e usava *kangas* (tiras de fazenda nativa para se enrolar no corpo)? Estavam-me experimentando para ver se eu era uma boboca altruísta, tentando redimir os pecados de todos os europeus.

Na verdade eu não era. Eu gritava minha resposta para o lado de fora: "Oh, volte na próxima semana, estou sem chá agora", ou: "Que pão você nos trouxe para comer com o nosso chá?"

Em novembro, quando cheguei à metade da minha permanência, estava numa atividade febril. A creche, a enfermaria da escola, as aulas de costura e a viagem semanal à clínica de Peramiho com crianças doentes, tudo isso enchia meus dias; e eu tinha visita em casa desde o raiar do dia até tarde da noite. Além disso, eu mantinha uma clínica para bebês todos os domingos depois do serviço religioso do edifício *ujamaa* e três noites por semana ensinava inglês a adultos—adquirindo assim, como *mwali-mu* (professora), o título respeitável de "Mama Keti".

Ngomaty, o presidente da aldeia, havia-me pedido para ensinar tanto inglês quanto swahili, pois poucas



mulheres na vila sabiam esta língua. Recusei porque não havia tempo e Ngomaty tinha tomado a si a tarefa de ensinar swahili. Seu trabalho principal era administrar o dispensário da aldeia, para o que ele fizera um treinamento de três meses no hospital do govêrno em Songea. Gostava de seu papel, de vestir o avental branco comprido até aos tornozelos, esterilizando toda peça do equipamento antes de usá-la, orientando as mães jovens, cuidando das crianças da escola. Eu aprendera alguma coisa de medicina tropical com a Irmã Margareta em Peramiho

e, se eu passasse por ali, Ngomaty gostava que eu confirmasse seu diagnóstico. Ele costumava me chamar, em inglês, diante de seus doentes impressionados:

—Mama Keti, venha ver o que temos aqui.

Talvez se tratasse de um menino subnutrido de uma aldeia oito quilômetros rio abaixo.

—Que acha?—perguntava êle, mostrando-me os olhos amarelados e as pernas finas da criança.

—Subnutrição e deficiência de vitaminas, não diria?

—Sim, foi isso que eu disse à mãe. Ele deve comer muitas frutas e tomar leite, e eu lhe dei dessas gôtas de ferro. Um caso grave.

À proporção que minhas atividades aumentavam, o único momento realmente meu era tarde da noite, quando a aldeia estava adormecida, ou aos domingos, quando eu podia sair sorrateiramente e ficar só. Nas manhãs de domingo eu acordava cedo e caminhava pelos campos com um caderno de desenho, um bloco de notas ou apenas com meus pensamentos. Eu pensava como estava longe de casa, na aldeia, no último mexerico, no meu trabalho. Mama Bagamayo, a mulher do jardineiro, ia ter um filho. Namahala queria fazer um balanço para a creche. Bruno, da escola primária, tinha sido apanhado roubando ovos. Como conseguiria eu ensinar a velha Mama Ngotangota a pregar um zíper?

Nas tardes de domingo eu às vê-

zes fugia para a repêsa três quilômetros rio acima, onde o poço formado abaixo do desaguadouro era um bom lugar para nadar. Pouca gente se aproximava dali porque diziam que havia crocodilos. Mas como a água era rasa, não havia muito perigo. Eu me despia, deixava as roupas bem alto nas pedras, depois me sentava sob a queda de seis metros até que a água gelada batendo em mim afastasse a tensão das muitas responsabilidades. Depois disso eu tornava a subir nas pedras e ficava cozinhando ao sol impiedoso até meu corpo ficar castanho e cheio de sardas.

Um Ataque de Malária

AS CHUVAS anuais, esperadas para meados de novembro, foram anunciadas por uma umidade opressiva e um calor insuportável. O solo sêco ficou tão quente que era impossível caminhar descalço. Todo mundo ficou irritável e tornava-se cada vez mais difícil voltar ao trabalho quando soava a chamada da tarde.

À noite, muitas vezes eu tinha insônia. Ficava deitada na cama contorcendo-me com mordidas de mosquitos e infecção, a cabeça trabalhando. Meus intestinos nunca estavam bem e eu sofria alternadamente de diarreia e prisão de ventre. Minhas pernas estavam cobertas de mordidas e feridas. Em seis meses, na verdade, meu corpo tinha degradingolado.

Qualquer tolo poderia ter percebido o que ia acontecer. Na verdade, Noreen me avisara diversas vezes para eu me cuidar melhor. Não dei ouvidos. Eu era um tanto arrogante a respeito disso e não se ajustava à imagem que eu fazia de mim mesma ter cuidado com a saúde. De vez em quando, em minhas visitas ao hospital, Irmã Margareta olhava para minhas pernas, sacudia a cabeça e me dava uma injeção de penicilina. As feridas melhoravam por uma semana, depois infeccionavam de novo.

Mas o que eu não havia notado era como minha debilidade estava afetando meu trabalho. Eu me tornava cada vez mais irritadiça, mais impaciente com as pessoas. Algumas vezes eu me surpreendia sentindo uma espécie de superioridade estranha sobre todos os que trabalhavam comigo.

E então aconteceu. Pronto! Lá estava eu de cama, muito mal e incapaz de me mover, pensar ou falar. Eu tinha apanhado malária e estava seriamente doente. Minha temperatura subiu a 40°C e permaneceu assim por três dias. Meu estômago se contorcia e contraía de maneira que não podia encontrar uma posição deitada. Minha cabeça latejava ao menor movimento e meus olhos pareciam dançar de encontro às pálpebras fechadas enquanto meu corpo exausto afundava em remoinhos de dor.

Noreen tratou de mim, dando-me comprimidos contra a malária e anal-

gésicos, e Ngomaty vinha dar-me injeções contra a malária. A filha mais velha dos Ibbott, Jenny, de 12 anos, sentava-se ao meu lado e lia até eu adormecer. Finalmente os medicamentos e os cuidados deles fizeram efeito. A febre caiu e aos poucos as dores de cabeça diminuíram. Quando me levantei estava tonta, mas pelo menos conseguia ficar de pé.

Todos os dias havia uma fila de visitas. É costume quando alguém está doente que todo mundo visite. Se a pessoa doente morrer, deve ter visto todos os seus amigos e parentes antes da morte.

Quando tomei consciência do que estava acontecendo, soube que meu amigo Timeo montava guarda do lado de fora de minha janela sempre que podia escapular da creche. Vestia a mesma camisa-esporte vermelha que usava quando o conheci, remendada agora na frente com uma nesga de fazenda preta. Depois do jantar ele ficava até Mama Ngomaty chegar para levá-lo para a cama.

Quando comecei a me recuperar, pensei em toda a irritação causada pela doença que me fizera ficar impaciente com meus companheiros de trabalho e me sentir superior a eles. Eu era mais môça que a maioria dos adultos da aldeia, e o fato de me procurarem para se aconselharem era envaidecedor. Compreendi que acatavam meu rosto branco, meu conhecimento de inglês e o fato de eu ter vindo para Litowa como "técnica". Mas nem todo o respeito que eu gozava vinha de

tais "credenciais"; grande parte eu conquistara durante os meses em que fizera meu trabalho e chegara a conhecer as pessoas. E eu não podia pôr isso em risco assim tão descuidadamente. Resolvi que havia de cuidar de minha saúde.

Finalmente, depois de 10 dias, decidi levantar-me, vestir-me e ir para a creche. Timeo me deu a mão. Minhas pernas estavam fraquíssimas, de modo que não podia andar muito depressa. Ao atravessarmos a aldeia nos cumprimentavam a cada passo—das casas, das salas de aula e da fila de espera no dispensário. E quando chegamos à creche as crianças se precipitaram pelos portões para nos encontrar. Como eu me sentia feliz por estar viva outra vez!

A Paciência da Irmã Margareta

COMO principal motorista da ambulância de Litowa muitas vezes eu transportava mulheres grávidas para o hospital. Num sábado de manhã cedo, em plena estação chuvosa, recebemos aviso de que Mama Kisiti entrara em trabalho de parto prematuramente. Geralmente Mama Lighanga, a parteira da aldeia, fazia os partos em sua própria casa. Mas Mama Kisiti era uma mulher pequenina, de quadris muito estreitos, e já tínhamos decidido que seria mais seguro levá-la para Peramiho. Quando Mama Lighanga e eu entramos na casa de Kisiti encontramos o quarto dela cheio de

mulheres sentadas no chão.

Eu não podia perguntar diretamente por Mama Kisiti. Primeiro houve as saudações preliminares, depois a conversa fiada. Só então pude perguntar.

—Está com dores—disseram—dores fortes. Kisiti é pequena, o parto vai ser difícil.

O quarto de Kisiti era muito escuro e as paredes de barro estavam úmidas da chuva. Ela estava inteiramente nua. Não havia cama, nem mesmo uma esteira de palha ou pedaço de fazenda. Ela estava deitada quieta, gemendo ali no chão de terra batida.

Saí para deixar Mama Lighanga examinar Kisiti. Num momento ela reapareceu ao sol forte. Estava zangada e eu sabia por quê. Kisiti estava aos cuidados da cunhada, Mama Giza, e esta fazia questão da tradição. Era natural que uma mulher sofresse em trabalho de parto; e Kisiti seria deixada só exatamente para isso.

—Temos de levá-la para o hospital—disse eu a Mama Lighanga.

—Essas velhas não vão deixá-la ir.

—Mas isso é loucura. Está sujo e frio lá dentro. E ainda falta um mês. É possível que haja dificuldade.

Mama Lighanga entrou de novo para discutir. Ela era jovem e forte e tinha mais instrução que qualquer outra mulher na aldeia, exceto a Srta. Chips. Mas na velha tradição africana a autoridade vinha de acordo com a idade. Em poucos minutos Mama Lighanga estava

de volta, sem ter arranjado nada.

As horas passavam. As dores de Kisiti aumentavam e o parto não progredia. Discutimos diversas vezes com Mama Giza e seu grupo de velhas.

Afinal, com o sol a pino, Mama Giza saiu da casa para dizer que Kisiti tinha de ir para o hospital. Estava demorando muito e agora a fisionomia de Mama Giza mostrava que até ela estava preocupada.

Enrolamos Kisiti em cobertores e a colocamos no assento de trás ao lado de Mama Giza. As estradas estavam encharcadas e sulcadas depois de semanas de chuva forte e eu não sabia se devia dirigir depressa e esquecer o conforto de Kisiti ou devagar e me arriscar a chegar tarde no hospital. Mas um olhar para o rosto de Mama Giza me disse que a pressa era essencial.

Parecia terem-se passado horas até chegarmos a Peramiho e buzinar no portão. Um enfermeiro jovem, grosseiro, veio vagarosamente abrir o portão. Não gostou de eu lhe dar ordens. Eu tinha esquecido que meu rosto era branco. Eu queria gritar com êle por ser um idiota egoísta, mas Mama Giza compreendeu o que eu estava pensando.

—Não há nada—disse ela.—Êle é apenas preguiçoso.

Quando acabei de contar nossa história com voz ofegante à Irmã Margareta ela não disse uma palavra; apenas dirigiu-se para a sala de operações com seus passos pequenos e rápidos. Assim que ela saiu de lá corri para saber o que

acontecera. Mas antes que eu pudesse abrir a boca ela me estava advertindo. Mais uma vez, dizia Irmã Margareta, enfaticamente, Litowa mostrou sua velha irresponsabilidade.

—Quantas vezes eu tenho dito a vocês para trazerem as mulheres grávidas uma semana antes do tempo em que devem ter o filho? Não se pode ajudar quando passa tanto tempo assim! Na próxima vez, na próxima vez....

Eu agora já conhecia Irmã Margareta.

—Kisiti está bem?—interrompi, poupando-lhe o ultimato.

—Ela está bem. É uma menina.

—Obrigada, Irmã. Muito obrigada.

Um Sacrifício à Tradição

A MAIORIA dos habitantes de Litowa tinha tanto entusiasmo pelo progresso que eu me inclinava a esquecer quantos permaneciam teimosamente agarrados aos velhos costumes. Mas ainda existiam êses conservadores, que relutavam em ir para o hospital, desconfiados de remédio em vidro, resistindo a qualquer afastamento das práticas tradicionais do curandeiro.

Um das duas semanas antes da Páscoa, Mama Duviyani, a mulher do alfaiate, não apareceu na creche para prestar serviço. As mulheres me disseram que a filha dela de três anos estava doente. Isso era comum; as mulheres muitas vezes eram dispensadas do trabalho quando os filhos estavam doentes. Mas Mama

Duviyani tinha pouca sorte com os filhos: tivera cinco, mas apenas dois sobreviveram. Assim, perguntei a Ngomaty se tinha ouvido alguma coisa.

—Sim, ela trouxe Delia à clínica hoje de manhã. Um caso grave de malária. Eu lhe disse que fôsse imediatamente para o hospital, mas ela não quis. Disse que preferia esperar.

No dia seguinte as mulheres disseram que Delia tinha passado muito mal com convulsões. Agora os olhos não se fixavam e os membros estavam flácidos. Mais tarde Ngomaty confirmou as notícias.

—É malária cerebral. A temperatura dela está muito alta.

Noreen Ibbott tinha-me explicado como era a malária cerebral. A febre alta é acompanhada de convulsões. Geralmente o bebê sobrevive aos dois primeiros ataques de convulsões, mas não ao terceiro. A doença é perigosa, mas não difícil de tratar. Se a febre é baixada rapidamente por meio de injeções, as convulsões podem ser evitadas.

—Ontem à noite ela teve a primeira convulsão—disse-me Ngomaty.—Mas com a febre que ela está, não tarda a ter outra.

—Vamos levá-la para o hospital, então!

—Não há jeito. Mama Duviyani ainda se recusa a ir. E Duviyani também não vai ceder. As pessoas aqui já viram bebês com convulsões—continuou êle.—A princípio não fazem nada. Quando finalmente de-

cidem levá-los ao hospital, é tarde demais. As injeções não podem fazer a febre baixar a tempo e a criança morre. E os pais acabam achando que as injeções é que matam o bebê! Eu já discuti muito com os Duviyani. Talvez você possa convencê-los.

Mama Duviyani ficou satisfeita ao ver-me.

—Meu bebê está doente—disse-me ela apontando para os olhos de Delia que não se focalizavam e levantando seu braço para me mostrar que êle tornava a cair sem vida.

Eu podia sentir o corpo de Delia ardendo em febre. Mas como sempre, tinha de ir devagar até chegar ao motivo de minha visita.

—Vai para o hospital?—perguntei finalmente.

—Não, de jeito nenhum.

—Por que não? Delia está muito doente. Ela precisa tomar uma injeção.

—De jeito nenhum.

Eu insisti, mas ela ficou firme. No fim saí para procurar Duviyani. Êle sabia o que eu queria e relutava em falar comigo. Dessa vez eu ignorei as cortesias preliminares e entrei logo no assunto.

—Delia tem de ser levada imediatamente para o hospital.

—Talvez amanhã—disse êle.—Se piorar. Mas agora não. Agora não vamos.

Eu não estava certa do que fazer depois disso. Talvez já fôsse mesmo muito tarde para as injeções ... e os Duviyani poriam a culpa no

hospital. Corri para a casa de Ngomaty.

—Isso é um teste de *ujamaa*—disse eu desesperadamente.—Talvez seja dever da comunidade forçar Duviyani a mudar de idéia.

—Estive pensando isso mesmo—disse Ngomaty.—Falei com os Duviyani primeiro como orientador médico, depois como presidente da aldeia. Mas não podemos forçá-los. O bebê vai morrer e sem necessidade. Mas que podemos fazer?

Mais tarde naquele dia sobreveio o segundo ataque de convulsões e na manhã seguinte Delia estava morta. Eu estava limpando minha casa com pouca vontade quando ouvi a notícia. Balancei a cabeça morosa e cansadamente e voltei à arrumação de papéis em minha escrivaninha.

Pouco depois ouvi cânticos. Uma procissão de crianças passava devagar, cada criança trazendo uma cruz de fôlhas delicadamente presa nas mãos. Estavam atravessando a aldeia a caminho da igreja, mas as vozes soavam abafadas e a melodia era mais lenta do que deveria ser. Fiquei à janela por muito tempo desejando reunir-me a elas na igreja. Mas eu sabia que, se fôsse, não ia resistir e ia chorar. Em vez disso comecei a escrever em meu diário: “Domingo de Ramos: Se é responsabilidade de tãda a aldeia celebrar a Páscoa, então é responsabilidade da aldeia evitar a morte de suas crianças ...”

Depois da cerimônia, Ngomaty passou por minha casa.

—Tudo o que você disse ontem sobre isso ser um teste de *ujamaa* era verdade—disse-me êle.—A aldeia aprendeu e não deixaremos que isso aconteça outra vez.

Americanos Gostam de Guerra?

HAVIA TRES rádios em Litowa. Ngomaty tinha um em seu dispensário, John Millinga possuía outro e eu havia comprado um radinho russo em Dar es Salaam. Às vêzes Millinga levava seu rádio para *ujamaa* e as pessoas ouviam enquanto comiam, falando alto umas com as outras e competindo com o *jazz* congolês de arrebentar os ouvidos, a vida noturna do ocidente africano e um ocasional *rock and roll* americano. Mas na hora do noticiário tãda a sala de repente ficava quieta.

Em geral eu ouvia a BBC. Seu longo noticiário e mais os jornais locais davam-me idéia do que ia pelo mundo. Eu precisava disso porque enfrentava uma investida contínua de perguntas do pessoal da aldeia. Era o comentarista dêles, a domicílio.

A princípio desejavam informações genéricas sôbre a América. Às vêzes suas perguntas eram embaraçosamente sagazes, como quando Bagamayo, o jardineiro, me perguntou sôbre os conflitos raciais nas cidades americanas.

—Ê verdade que as coisas não são iguais entre gente preta e gente branca nos Estados Unidos?—per-

guntou Bagamayo.

—É verdade—admiti, e tentei explicar o que eu sabia sobre a situação racial.

Mas à proporção que o tempo passava as perguntas se concentravam na guerra do Vietname.

—A América não tem complicações suficientes, sem ter de procurá-las no Vietname?—perguntavam-me repetidas vezes.

Aos poucos a guerra do Vietname foi-se tornando, aos olhos deles, uma questão dos Estados Unidos versus as nações subdesenvolvidas do mundo. Podia-se sentir um antiamericanismo crescente. Quando um policial me repreendeu em Songea porque a porta de trás do carro tinha-se aberto, eu sabia que isso nada tinha a ver com meu modo de dirigir. E eu sentia olhares acusadores de gente que nada sabia a meu respeito, exceto que eu era americana.

Eu tinha sorte de viver em Litowa, onde as pessoas me conheciam, gostavam de mim como pessoa e não se importavam realmente de que nacionalidade eu era. Mas mesmo em Litowa, as perguntas eram acusadoras... e sob o fogo meu patriotismo começou a crescer. Os ataques aos Estados Unidos, se bem que não fôssem dirigidos a mim, eram dirigidos a um “certo tipo de gente”. E quando eu pensava em minha família e meus amigos, compreendia que eles não eram aquêles “tipo de gente”. Comecei a ficar ofendida com a difamação de minha

pátria. Estavam passando da conta.

Para mim era óbvio que os americanos não são gente má que empreendem guerras porque têm prazer nisso. De alguma forma eu tinha de fazê-los compreender que, embora eu odiasse a guerra (como na verdade odeio tôdas as guerras), não podia odiar meu país. Quando me dei conta dêsse patriotismo insuspeitado, fiquei confusa. Só comecei a entendê-lo quando vi que não era suficiente pensar nas coisas que eu era *contra*. Tinha de pensar também nas que era *favor*. E a favor de que era eu? O que me tinha realmente feito trocar a confortável Cambridge por uma mísera aldeola africana?

Durante meses eu havia evitado a pergunta, dizendo a mim mesma que eu tinha vindo principalmente pelo espírito de aventura e para sair dos Estados Unidos. Isto em parte era verdade. Mas não era a verdadeira razão pela qual eu trabalhava dia e noite em Litowa, por que eu estava tão profundamente empenhada no meu trabalho. Meu velho cinismo universitário estava nas últimas.

Quando finalmente cheguei a uma conclusão, foi extraordinariamente simples. Eu era a favor da liberdade! Eu estava trabalhando até à exaustão em Litowa para ajudar as pessoas a serem senhoras de suas vidas; para lutar contra qualquer espécie de opressão—pessoal, política ou econômica. Era só isso: a liberdade pela qual eu me batia

era a de cada um controlar sua própria vida.

Uma vez que percebi que eu tinha tais ideais, pensei sôbre onde eu os havia arranjado. Meu trabalho em Litowa podia ter ajudado a torná-los claros para mim, mas fôra minha educação que os plantara ali. Fôsse lá o que eu fôsse, era uma americana e agora tinha um senso nítido do que meu país significava para mim.

Adeus a Litowa

VI O ANO voltar à estação de minha chegada. As chuvas pararam, as safras foram colhidas, os homens recomeçaram a limpar o mato. Durante o ano a aldeia havia crescido. Os campos lavrados eram maiores e havia planos para novas casas, uma creche nova, uma casa de costura separada. Um nôvo celeiro de fumo, feito de tijolos, estava quase pronto. Cinco rapazes solteiros tinham chegado para viver em Litowa, havia novos bebês e os mais velhos começavam a andar e falar.

Numa noite em que eu estava sentada na cozinha de Mama Bagamayo, disse-lhe que iria partir breve.

—Para onde vai?—indagou ela.

—Para casa. De volta à América. Tenho ainda dois anos de escola para terminar.

—Escola! Você está muito velha para escola. Devia arranjar um marido e ter filhos. Está ficando velha.

—Não sou tão velha assim. Além do mais, nós americanos nos casa-

mos geralmente mais tarde.

—Mas você gosta tanto de crianças. Deve ter as suas.

—E terei. No futuro.

Logo Tiemo percebeu o que estava no ar.

—Keti, você vai embora?—perguntou.

—Vou, Tiemo.

Ele deu as costas e saiu correndo da casa sem dizer uma palavra. Estava ficando mais velho agora e não queria que eu o visse chorar.

Eu tinha um monte de coisas a fazer. Outra garôta de Radcliffe iria se encarregar de meu trabalho, mas só chegaria dentro de alguns meses, de modo que tive de armazenar tudo dentro de casa longe do alcance das formigas. Depois tive de empacotar minha bagagem, exceto o violão, que levei para Robo.

—Olhe, guarde isso. Mas é para todos tocarem. É um violão *ujamaa*.

Finalmente estava tudo pronto; eu partiria de manhã. Agora tinha de visitar Mtotera. Encontrei-o fazendo contas.

—*Hodi!*—exclamei.

—*Karibu*—Mtotera se levantou para me dar uma cadeira.

—Vim para me despedir—disse eu.

—Quero desejar-lhe tudo de bom e espero que Litowa continue a crescer.

Ele me agradeceu sinceramente. Tínhamos tido discordâncias, mas cada um de nós sabia o que o outro pensava, e havia um respeito mútuo.

Naquela noite fui para o edifício *ujamaa* um tanto constrangida. Eu

sabia que a reunião era em minha homenagem. Arranjei um lugar para mim e me sentei pela última vez para saborear *ugali* e feijão. Quando acabamos de comer, Ngomaty levantou-se para abrir a sessão.

—*Uhuru!*—gritou.

—*Uhuru!*—troaram as vozes em resposta.

—Hoje estamos reunidos para dizer adeus a uma amiga que viveu conosco por um ano—anunciou Ngomaty.—*Dada* Ketí ensinou nossas mulheres e crianças. Ela tem sido uma amiga e uma vizinha.

Ngomaty falou carinhosamente de meu trabalho na creche e aulas de costura, e de minhas viagens ao hospital de Peramiho. Ele me descreveu como uma Florence Nightingale. Falou então em como as crianças estavam grandes e saudáveis.

—Suas crianças vão ter saudades de você. Todos nós teremos. Desejamos que faça boa viagem e enviemos recomendações à sua família.

Concluiu lendo uma citação que, disse ele, expressava o sentimento de Litowa: “Um homem que lhe dá uma muda de roupa é seu amigo por um dia. Mas um homem que lhe ensina a fazer uma camisa é seu amigo por toda a vida.”

Depois deste houve outros discursos e finalmente tive de fazer um, que por cortesia não podia ser curto.

“Todos vocês falaram sobre o que

eu lhes ensinei neste último ano”, comecei. “Mas não falaram sobre o que me ensinaram. *Ujamaa*, foi o que eu aprendi. Não entendi, da primeira vez em que procurei no dicionário.” E expliquei como eu começara a aprender simplesmente observando a vida na aldeia, conversando e trabalhando com cada um deles. “Vocês me ensinaram algo que vou tentar explicar a outras pessoas. Vou contar às pessoas sobre Litowa. E algum dia mandarei meus filhos aqui para que descubram o que significa *ujamaa*. Espero que sejam bem-vindos.”

Houve palmas, assobios e mais palmas. Então Ngomaty se levantou de novo e me deu um presente, que eu só deveria abrir quando iniciasse minha viagem de volta.

Na manhã seguinte, depois das últimas despedidas, Timeo ajudou a colocar minhas coisas no carro; Ralph Ibbott e eu partimos para Songea. Ao sairmos da aldeia eu estava quase chorando, então voltei minha atenção para o presente ainda sem abrir. Dentro da caixa havia uma bela *msongo* cor de laranja, uma cesta de capim tecida cuidadosamente e um cartão em swahili: “Ponha esta cesta sobre sua mesa e, sempre que houver *ujamaa* em sua família, lembre-se de Litowa.”

Eles podiam ficar descansados. Eu nunca esquecerei.

(Tradução de Marília Nunes)

